

SAMORA MACHEL

**ROMPAMOS
DEFINITIVAMENTE
COM A BURGUESIA
PARA CONSOLIDAR
O PODER POPULAR**

23

colecção
"PALAVRAS de ORDEM"
EDIÇÃO DO PARTIDO FRELIMO

SAMORA MACHEL

**ROMPAMOS
DEFINITIVAMENTE
COM A BURGUESIA
PARA CONSOLIDAR
O PODER POPULAR**

23

colecção
"PALAVRAS de ORDEM"
EDIÇÃO DO PARTIDO FRELIMO

PREAMBULO

O comício popular de 22 de Junho de 1982 surgiu como resposta à intensificação das acções do imperialismo e seus aliados, internos e externos, contra o nosso país. Naquele histórico encontro, em que estiveram presentes dezenas de milhar de pessoas, o Presidente do Partido Frelimo e Presidente da República Popular de Moçambique, Samora Moisés Machel, reafirmou energicamente a nossa determinação em esmagar todas as agressões contra o nosso Povo, sejam quais forem as formas que elas assumam.

No discurso então proferido, o dirigente máximo da Revolução moçambicana caracterizou a acção do inimigo na fase actual, salientando que o imperialismo tem na Africa do Sul racista a sua principal ponta-de-lança na nossa região; e em elementos da pequena burguesia interna os agentes que propagam os boatos, as mentiras, as calúnias que visam a desestabilização do nosso País. Quanto aos bandos armados, como referiu, não são mais do que destacamentos especiais do exército de Pretória, que os arma, treina e intro-

duz em Moçambique para aqui semearem a intranquilidade e, ao mesmo tempo, impedirem-nos de concentrarmos todos os nossos esforços na construção pacífica de uma economia nacional forte e independente.

O Camarada Presidente traçou depois as principais prioridades do nosso trabalho na fase actual e anunciou algumas medidas imediatas com vista a fazer face à intensificação da agressividade do imperialismo na nossa zona. De entre estas medidas, salienta-se a distribuição de armas à população de Maputo — que se iniciou durante o próprio comício — e de outras zonas do País. Como destacou o Camarada Presidente, o Povo organizado e armado, dirigido pelo Partido Frelimo, constituirá a muralha de aço contra a qual se esmagarão todas as acções do inimigo de classe.

O Departamento do Comité Central para a Informação e Propaganda do Partido (DIP) edita agora, em brochura, o texto integral daquele importante discurso, que oportunamente mereceu já ampla divulgação por parte dos diversos órgãos de Informação nacionais. Mais do que um simples documento de estudo, o texto desta brochura deve ser encarado por todos os militantes, e por todo o Povo moçambicano, como um guia para a acção — acção firme e resoluta na defesa da Pátria, na luta contra o subdesenvolvimento, na consolidação do Socialismo.

— **Presidente da República**

População de Maputo: de que é que vamos falar?
Qual a nossa agenda?

— **População**

BANDOS ARMADOS!

— **Presidente da República**

É essa a agenda?

— **População**

Sim!

— **Presidente da República**

Obrigado.

Já temos agenda: vamos falar dos bandos armados.

Viva o Povo Moçambicano unido do Rovuma ao Maputo!

Viva a República Popular de Moçambique!

Viva a Unidade Nacional!

Obrigado.

I INTRODUÇÃO

A nossa agenda é, como vocês disseram: bandos armados. Eu vou acrescentar mais um pormenor: romper com a burguesia, em particular com os aspirantes à burguesia.

Nós temos sido generosos, temos sido muito compreensivos, bons de mais, para com a pequena burguesia. Mas ela violenta-nos com as armas.

Para liquidar os bandos armados, o combate contra estes bandidos exige necessariamente que coloquemos a pequena burguesia na defensiva completa.

Vamos historiar um pouco.

Nós fomos um povo colonizado.

Fomos vendidos como escravos, fomos humilhados, fomos brutalizados. Fomos considerados animais de carga.

No entanto, resistimos.

Resistimos à chuva, ao sol, ao frio.

Resistimos à baioneta, às correntes, às algemas.

Chegou a altura de nos rebelarmos, de perseguirmos o combate dos nossos antepassados. Em 1962, criámos a Unidade Nacional, criámos a FRELIMO, nosso instrumento de luta.

A primeira vitória do Povo Moçambicano foi a **Unidade Nacional**, foi o aparecimento da FRELIMO, em 25 de Junho de 1962. Quando criámos a FRELIMO estávamo-nos a libertar. Foi um acto de libertação.

Esta foi a **primeira** vitória do Povo Moçambicano.

Quando criámos a FRELIMO caíram as algemas que nos aprisionavam. O Povo Moçambicano inteiro transformou-se numa vontade única, que se materializou na determinação de lutar pela Independência Nacional, para restituir ao Povo

- a sua dignidade,
- a sua personalidade,
- a sua cultura.

Desencadeámos a luta e dissemos então: mais vale viver uma hora livre e independente, do que ser escravo 100 anos. Queríamos dizer que quando se trata da luta de Libertação Nacional, os sacrifícios nunca são demais.

O 25 de Setembro surgiu como o desdobramento da nossa política e da nossa estratégia, que se transformaram em tática. Foi assim que atacámos o inimigo.

A partir daí definimos o colonialismo como o inimigo principal a ser abatido — com as nossas armas, com as nossas balas.

Tivemos a partir daí várias frentes de combate:

- **frente política:** para consolidar a Unidade Nacional, fazer frente ao inimigo e provar ao mundo a justeza da nossa luta;
- **frente diplomática:** para difundir a correção da nossa causa, a justeza da nossa guerra e para isolar o inimigo no plano internacional;
- **frente económica:** para alimentar a guerra;
- **frente social:** organizando a Educação, a Saúde;
- **frente cultural:** porque o combate que fazíamos era um acto eminentemente cultural, era a forma mais alta de um povo para se dignificar;
- **frente militar:** era a nossa forma principal de luta, liquidando as forças vivas do inimigo, o suporte do sistema colonial.

A luta produziu heróis, mas também produziu traidores.

Apareceram traidores no seio da FRELIMO, no seio das Forças Populares de Libertação de Moçambique. Apareceram cobardes, medrosos. Apareceram boateiros e intriguistas. Apareceram aqueles que

subestimavam ou sobrestimavam o inimigo, os oportunistas de esquerda e os oportunistas de direita. Todos se juntaram contra a FRELIMO.

Começámos a sentir, à medida que a guerra desenvolvia, que havia infiltração no nosso seio. Começaram a aparecer organizações fantoches a soldo do imperialismo.

Mas a guerra foi-se desenvolvendo.

O suporte do colonialismo foi o imperialismo internacional. E nós, quando criámos a guerra, não tínhamos nada nas mãos.

Levávamos, porém, a nossa convicção,
a nossa vontade,
a nossa determinação,
de libertar a Pátria do
jugo colonial.

O avanço da luta libertou largas zonas de Moçambique. O nosso País ficou assim dividido em duas grandes zonas: a da FRELIMO e a do inimigo.

Havia ainda zonas que eram de contestação, outras de refugiados e outras de campos de concentração.

II OS OBJECTIVOS DA REUNIAO

Um dos principais objectivos da reunião de hoje é aprofundarmos a nossa ruptura com a burguesia.

Isso significa, em primeiro lugar, consolidar a nossa capital como zona libertada.

O que quer dizer zona libertada?

Durante a Luta de Libertação Nacional dissemos: a zona libertada não se caracteriza apenas pela ausência física do ocupante estrangeiro, do colonialista.

A zona libertada caracteriza-se pelas novas instituições, pelo Poder Popular, pela democracia revo-

lucionária, pelas novas relações de produção, pelas novas relações que existem entre os homens.

As zonas libertadas são zonas que foram libertadas dos vícios e de defeitos da sociedade doentia, da sociedade capitalista, do nosso inimigo de classe, dos vícios e defeitos do colonialismo, do capitalismo, do imperialismo. Das zonas libertadas esses defeitos e vícios foram varridos!

A zona libertada caracteriza-se:

- pela liquidação da exploração e da opressão
- pelos métodos democráticos de direcção
- pelo amor que é devotado às crianças
- pela liberdade da mulher
- pela amizade e fraternidade

Ali se organiza:

- a Saúde ao serviço do Povo
- a Educação ao serviço do Povo
- a Justiça ao serviço do Povo
- a produção para satisfazer as necessidades do Povo
- a vida colectiva, o trabalho colectivo

Nas zonas libertadas mata-se a mentira que caracteriza o sistema capitalista. No capitalismo até se cria o dia da mentira. Oficializa-se a mentira.

Nas zonas libertadas mata-se o boato, a calúnia, a intriga. Nas zonas libertadas liquida-se:

- o individualismo, a indisciplina
- a desorganização
- a preguiça
- a mediocridade

Nas zonas libertadas matam-se as ideias conservadoras, o obscurantismo e a superstição. Nasce a ciência.

Nas zonas libertadas matam-se:

- os complexos de superioridade
- os complexos de inferioridade
- os recalcamientos
- os ódios

Nas zonas libertadas os problemas de um são problemas de todos — são problemas de toda a sociedade. Por isso morre o individualismo, morrem os problemas mesquinhos, secundários.

Nas zonas libertadas não há droga, não há prostituição, marginalização, não há doenças venéreas.

Nas zonas libertadas organiza-se:

- como matar a morte
- como fazer guerra à guerra
- como fazer a guerra revolucionária contra a guerra reaccionária

O objectivo central da nossa reunião é pois consolidar a nossa capital como zona libertada.

O que quer isto dizer?

Libertámos a cidade da ocupação física colonial.

Estabelecemos um Poder moçambicano, um Governo moçambicano, estabelecemos um Conselho Executivo moçambicano, um Exército moçambicano, uma Polícia moçambicana.

Estamos aqui na Praça da Independência, e já não está ali a estátua de Mouzinho de Albuquerque.

Estamos em Maputo e não em Lourenço Marques.

O que era Lourenço Marques?

Lourenço Marques era uma cidade carregada

- de tribalismo,
- de regionalismo,
- de racismo,
- de complexo,
- de humilhação,
- de discriminação,
- de alienação,
- de despersonalização,
- de ódios e recalcamientos.

Lourenço Marques era o centro de comercialização da mulher, centro da prostituição mais degradante.

Lourenço Marques era cidade de prostitutas, era cidade que utilizava a mulher como instrumento de propaganda.

Era Lourenço Marques de Mathlothlomana,

- das Lagoas,
- da Malanga,
- da Rua Araújo,
- do Luso,
- do Pinguim,
- do Quaresma,
- do Aquário.

Em Lourenço Marques ter doença venérea era motivo de orgulho. A penicilina era requisitada para curar doenças venéreas, em vez de curar a pneumonia. Uma característica dos homens e mulheres das cidades era que quem tivesse 20 vezes doenças venéreas, era considerado campeão.

Alguns até se orgulhavam e diziam: eu, «Lourenço Marques». Quando iam ao espelho, admiravam-se e diziam: «sou eu, Lourenço Marques.»

Lourenço Marques era a capital do crime, era

o centro que organizava a morte dos moçambicanos, — como chicotear, como torturar, como enforcar o moçambicano.

Lourenço Marques era a capital do assassinato, do roubo, da degradação moral.

Eram estes valores que faziam Lourenço Marques ser aquilo que os colonialistas chamavam de «cidade cosmopolita».

Libertámos Lourenço Marques da exploração e da humilhação colonial.

Os velhos lembram-se muito bem como foi construída a catedral. Os trabalhadores moçambicanos subiam andaimes com as pernas acorrentadas, para construir a «Casa de Deus», a casa da civilização ocidental.

Já se esqueceram da caderneta indígena?

Já se esqueceram que depois das nove horas não podiam circular sem passe?

Já se esqueceram da prisão por não pagar imposto?

Já se esqueceram dos homens e mulheres a puxarem os cilindros como animais de carga a construir estradas?

Já se esqueceram do calção de ganga ou da serapilheira da estiva?

Já se esqueceram dos salários miseráveis que recebiam e dos restos de comida de que se alimentavam?

É impossível terem-se esquecido. Mas alguns ficaram marcados, as suas cabeças continuam ainda hoje a ser centros dos vícios do colonialismo. Esses guardam com saudade nas suas cabeças a recordação da humilhação.

Como já não encontram em Moçambique botas para lambar, fogem para a África do Sul.

Fogem para ir lavar as retretes dos boers. Como se nós não tivéssemos retretes!

Vejam até onde vai a mentalidade escrava ao

inimigo! Fogem para a África do Sul para serem bandidos armados.

Fogem para a África do Sul para serem assassinos, criminosos, para estrangular o povo da África do Sul que clama liberdade, independência e igualdade.

Diz-se no Ocidente que a África do Sul é o país mais desenvolvido. Sim, é verdade.

É desenvolvido no assassinato,

- nos crimes,
- na discriminação racial e humilhação do homem,
- nos massacres,
- no enforcamento de prisioneiros políticos,
- no assassinato de crianças,
- nos métodos de tortura.

A África do Sul é tão desenvolvida que todos os anos bate o recorde mundial de assassinatos de patriotas e de prisioneiros nas cadeias.

O que é interessante é que aqueles que fazem da África do Sul o seu modelo, lançam os boatos mais incríveis contra os países socialistas.

Toda a nossa guerra foi apoiada pelos países socialistas.

Deram-nos

- farda
- medicamentos
- armas

Vieram médicos, trabalharam connosco curando a população, os combatentes, as crianças.

De que lado estavam a África do Sul e esses que são contra os países socialistas?

A África do Sul tem o apoio, incondicional do imperialismo porque discrimina,

- porque assassina crianças,
- porque oprime,
- porque escraviza,
- porque violenta o povo sul-africano.

Com o apoio e cumplicidade do Ocidente, a África do Sul possui fábricas de armamento, para permitir à minoria oprimir a maioria.

E nós, na República Popular de Moçambique, porque estabelecemos a igualdade, a justiça, respeitamos os direitos do homem, ficamos na lista negra de alguns países capitalistas.

Nos países imperialistas discriminam pretos, brancos, asiáticos, mas dizem-se «civilizados», dizem que praticam a «democracia». E como nós não praticamos a discriminação, somos acusados de violadores dos direitos humanos e da democracia!

Já podem ver quem são os bandidos armados!

É gente sem consciência, sem moral, sem orgulho. São agentes da África do Sul racista.

Alguns, porque são ignorantes e obscurantistas, difundem que os comunistas comem crianças. Essa propaganda tem como base as cabeças de alguns de vós — agentes que ficaram cá para fazer o trabalho do inimigo. Quem come crianças: é a África do Sul ou são os comunistas?

Os bandos armados são criação do imperialismo, e vão voltar para se apresentarem aos seus patrões com um balde na cabeça, furado e cheio de fezes!

Alguns, no entanto, não vêem isso. Não são capazes de reconhecer o inimigo. E também não são capazes de ver as nossas conquistas.

Quando proclamámos a independência acabámos, neste país, com o comércio de cadáveres.

A escola passou a ser um direito e não um privilégio. Na altura da independência havia, em todo

o território nacional, apenas 500 mil alunos. Na Universidade de Lourenço Marques, havia 4500 alunos, mas apenas 40 eram pretos.

A saúde passou a ser um direito de todo o Povo. Mas vocês não vêem isso.

A terra estava nas mãos de um punhado de pessoas. Vocês viviam nos subúrbios com o burro das tripas. Agora estão na cidade do cimento. Mas já não vão às reuniões, não participam em nada, já não podem varrer o quintal da vossa casa.

Alguns não participam nas actividades políticas do País, permanecem nas casas, ficam alheios à Revolução que lhes deu o que têm.

Nacionalizámos os prédios que construímos e onde hoje podemos habitar. Vocês não podiam habitar, não só porque não se podia alugar a pretos, mas por causa do custo da renda. Não estavam em condições de as alugar. Nós acabámos com a discriminação e estabelecemos rendas que os trabalhadores podem pagar.

III O INIMIGO INTERNO

Quando dissemos que íamos declarar guerra ao inimigo interno, muitos não compreenderam.

Quando declarámos guerra ao inimigo interno, nesta mesma praça, dissemos que tínhamos agarrado o rabo do leão, e que iríamos até ao fim. Muitos não compreenderam bem o alcance e a essência da Ofensiva. Por isso há confusão quando falamos do inimigo interno.

Quem são esses inimigos? São:

- os espões que vendem a vida do Povo e os segredos do Estado
- os traficantes de dinheiro
- os raptore

- os lança-rumores, os lança-pânico e in-tranquilidade
- os boateiros, os intriguistas, os que têm línguas compridas para lançar rumores falsos
- os traidores à Pátria
- os infiltrados
- os agitadores
- os agentes provocadores

Vamos tomar medidas severas contra todos eles. Não libertámos a cidade para criar intraquili-dade nas pessoas.

Comprámos já aparelhos para detectar aqueles que fazem telefonemas anónimos, sobretudo à noite.

Todos os que fazem telefonemas anónimos aos quadros, aos militantes, ao povo em geral, para semear a intranquilidade, passarão pelo Tribunal Militar Revolucionário.

O inimigo interno são também:

- os sabotadores das fábricas, das empre-sas, das lojas, das cooperativas, dos machimbombos
- aqueles que roubam dinheiro e bens do Povo
- os comerciantes desonestos
- os que retiram os produtos dos circuitos normais para vender na candonga, espe-culando
- os candongueiros. Eles também vão ser levados ao Tribunal Militar Revolucioná-rio. Não vão ao Tribunal Militar Revolu-cionário apenas aqueles que andam a chacinar crianças: os candongueiros são também bandidos; são o prolongamento dos bandidos armados e é por isso que vão para o Tribunal Militar Revolucionário.

Todos estes vão alimentar as nossas armas. São formas de banditismo armado, são o prolongamento dos bandidos armados.

Os nossos inimigos são:

- os ladrões, porque perturbam a ordem social
- os violadores das nossas filhas, os violadores de menores
- os que corrompem a nossa juventude, os nossos filhos

Todos estes passarão também pelo Tribunal Militar Revolucionário.

São estes que pululam pela cidade como moscas, que infestam a nossa sociedade.

Eles são como moscas que nos incomodam. E nós, passivamente, não arranjamos mata-moscas para as matar. Elas poisam em nós depois de terem andado por todo o lado. E nós não as matamos. Deixamo-las por aí e dizemos «é a generosidade da Revolução».

Nós não tínhamos isto nas Zonas Libertadas.

Mas quando chegámos à cidade, encontrámos a burguesia, os aspirantes à burguesia. E fizemos algumas concessões.

Os aspirantes à burguesia, quando chegámos, olharam para nós, com a nossa farda e a nossa pistola, e disseram: «Sabe, Sr. Presidente, a farda não lhe fica bem. Não é elegante. A gravata, o fato, assentam-lhe muito bem.»

E nós tirámos as pistolas. Ganhámos a «elegância» e eles ficaram com as nossas armas.

Eles disseram aos camaradas: o que é isso de camuflagem?

A gravata, os fatos, ficam-vos bem!

E nós ficámos com as gravatas, e eles com a nossa camuflagem.

Perdemos a sensibilidade de detectar as manobras do inimigo quando ainda estão no ovo.

Perdemos também a sensibilidade de detectar as várias facetas em que se manifesta a reacção, em que se manifesta o inimigo. Por isso, perdemos o sentido do inimigo.

Cometemos esse erro. Mas não vamos cometê-lo de novo. Voltaremos a usar as nossas pistolas.

Esta é uma cidade libertada, temos de defendê-la fortemente. Não pode haver lugar para esses bandidos que violam a moral revolucionária, a moral socialista.

Acabemos com eles.

Se não fazemos isso a quem queremos agradar? Queremos agradar à reacção? Para com a reacção não há contemplações!

Há ainda os impacientes.

Querem que a criança faça doutoramento com 7 anos. A nossa independência só tem sete anos. Mas esses querem que Moçambique seja já como os países altamente desenvolvidos.

São gente sem orgulho, habituados a viver sem Pátria. Quando lhes dizemos: «a Pátria está aqui!» fogem, não a aceitam. Felizmente, são uma minoria infima, uma minoria de perturbadores.

Há outro problema, o dos chamados desertores, dos lambe-botas, cujo nome verdadeiro é **regressados**. Regressam para junto dos seus pais espirituais, para junto dos seus patrões para dizerem: missão cumprida!

Jorge Costa não fugiu, regressou para os seus patrões para dizer: missão cumprida.

Mas, estejam onde estiverem, pairará sempre sobre eles a força e a ameaça da justiça.

O tratamento contra o inimigo interno, é como a história do jacaré.

Quando alguém captura um jacaré saído do ovo, acha-o um verme interessante. Mas é um verme

que come carne fresca, ainda com sangue quente. E vai crescendo.

No entanto, o dono não toma consciência que, à medida que este verme interessante vai crescendo, vai tendo mais exigências, precisa de mais comida. Um jacaré crescido come um cabrito inteiro, em dois dias é capaz de devorar um vitelo. Mas como o dono não toma consciência, dá-lhe a mesma ração, continua a dar-lhe a mesma quantidade todos os dias. Então, porque a comida já não lhe chega, o jacaré come o braço do dono, ou mesmo devora-o inteiro.

É como a burguesia.

Se a deixamos crescer corrompe as nossas instituições, a Polícia, o Exército, a Segurança, todo o nosso Aparelho de Estado.

À medida que vão crescendo, tornam-se instrumentos cada vez mais fiéis do imperialismo.

Os nossos jacarés ainda estão no estado de vermes, são ainda aspirantes à burguesia. Ainda não têm poder económico, nem capacidade intelectual, nem capacidade técnica.

São caixa de ressonância de ideias e culturas estranhas ao nosso Povo.

Têm a mentalidade escrava ao estrangeiro e desprezam tudo o que é nacional, tudo o que se identifica com o Povo. Não têm personalidade moçambicana. São representantes mentais do imperialismo.

Mas se não liquidamos estes vermes, se os deixamos crescer, tornar-se-ão mais perigosos.

Por isso este nosso combate.

IV A VITÓRIA PREPARA-SE, ORGANIZA-SE

A vitória, na batalha pela consolidação da nossa capital como zona libertada prepara-se, organiza-se. Como?

- conhecendo o inimigo, sabendo como ele age, quais os seus objectivos, qual o seu comportamento;
- conhecendo as nossas forças. Tendo detectado as manobras do inimigo, os seus métodos e objectivos, estabelecemos a nossa estratégia e definimos a tática correcta do nosso combate.

Organizamos então as nossas forças, damos tarefas concretas ao Povo.

Quando combatemos não é para perder.

V CONHECER A NOSSA FORÇA

A nossa força sempre foi, é e sempre será o Povo.

É a força imensa e invencível. É uma muralha de aço.

Somos quase 13 milhões do Rovuma ao Maputo. Na cidade de Maputo somos cerca de 900 mil habitantes.

Mas só existimos como Povo quando estamos unidos e organizados. É como o cimento: é um pó que se dispersa ao vento, à mais pequena brisa. Mas, quando está misturado com água e areia, forma a muralha mais sólida.

Com ele pode-se organizar um abrigo que resiste à mais poderosa bomba.

É assim o nosso Povo.

O Povo para constituir uma força tem de estar unido e organizado. Unido em torno da Pátria e das ideias do nosso Partido. Organizado no seio da OMM, da OJM, dos Conselhos de Produção, na Organização dos Professores, na Organização dos Jornalistas e em outras Organizações Democráticas de Massas.

Povo organizado com o seu poder, através dos Grupos Dinamizadores dos Bairros e dos Conselhos Executivos das Aldeias; Povo organizado para se defender, nos Grupos de Vigilância, Milícias Populares, organismos de Polícia e Segurança, nas Forças Armadas.

Hoje temos connosco todo o Povo Moçambicano, mesmo aqueles que estiveram ligados a compromissos com o regime colonial, unido do Rovuma ao Maputo.

Todos temos o compromisso de defender a Pátria,

- de desenvolver as estruturas do Partido e as ideias do Partido,
- de construir o bem-estar e a felicidade do Povo, o progresso do País.

VI CONHECER O NOSSO INIMIGO

O nosso inimigo permanente é o imperialismo, que em toda a parte combate a liberdade dos povos, procura criar condições para explorar e oprimir os povos.

É o imperialismo que apoia os regimes ditatoriais, fascistas, sanguinários. Todos estes regimes são cada vez mais agressivos, cada vez mais sanguinários, e têm o beneplácito do Ocidente.

Onde é que a África do Sul arranja a bomba atómica?

Onde está a moral, a civilização, a cultura dos países que apoiam a África do Sul?

Mas alguns não vêem isso. Têm as cabeças viradas para lá. Esses são o prolongamento dos bandidos armados. Infelizmente são uma minoria ínfima. Temos também de esmagar esses agentes

juntamente com os bandidos armados. São nossos inimigos.

O imperialismo utiliza diversos instrumentos, diversas formas de actuação.

Até 1975, o colonialismo português era o nosso inimigo principal.

De 1975 a 1980, o imperialismo atacou-nos com a máscara do regime minoritário e racista da Rodésia do Sul.

A partir de 1980 usa como ponta de lança o regime nazi-fascista do «apartheid». Mas, por baixo dessas pinturas todas — do colonialismo, do fascismo, do «apartheid», da rebelião rodesiana — encontramos sempre o imperialismo, as suas armas, o seu dinheiro para oprimir o povo, para promover o gangsterismo, para fomentar o crime.

Mas o imperialismo, para agir, necessita sempre dos seus agentes, que são os bandidos armados, os mercenários. Precisa dos pequenos feiticeiros que abrem as janelas por onde entra o grande feiticeiro. Aqui está a origem dos bandidos armados.

Os seus agentes locais são:

- a burguesia, ou melhor, os aspirantes à burguesia.

Os nossos aspirantes à burguesia querem ocupar o lugar da burguesia colonial e capitalista que abandonou o nosso País. Querem ser patrões como eles, querem ser exploradores como eles.

Querem ser corruptos como eles, querem promover o amantismo, a prostituição, a orgia, o bacanal.

Os seus agentes locais são também os marginais, os anti-sociais e os bandidos armados.

A plataforma que os une:

- é a ambição do Poder, a ganância de

dinheiro e conforto, o gosto pelo vício. São tendências que levam a vender e a trair a Pátria;

- é o servilismo; ontem lacaios do colonialismo, dos racistas rodesianos, e hoje lambe-botas e agentes dos nazi-fascistas sul-africanos;
- é o anticomunismo que sempre o colonialismo utilizou e que hoje reaparece sob uma forma mais primária, porque os nossos aspirantes à burguesia são ignorantes e nem sequer sabem papaguear aquilo que os seus patrões ensinam.

A plataforma que os une pode resumir-se:

- no ódio ao Povo;
- no ódio ao Poder Popular;
- no ódio à Revolução, à transformação.

Já tivemos ocasião, no passado, de falar dos marginais, dos anti-sociais e da burguesia. Aqui em Maputo, ainda não tivemos oportunidade de falar dos bandidos e quem eles são.

Há quem fale deles como oposição, reacção, contra-revolução. São termos impróprios.

Uma oposição tem de ter uma plataforma política, uma direcção. Tem de representar uma corrente de opinião, mesmo que seja de pequena expressão. Tem de ter como base uma camada social, por minoritária que seja. Tem organização, estruturas. Tem de ter um programa onde define a sua política, os seus objectivos culturais, sociais, económicos.

Estes que pegam em crianças e mulheres e queimam-nas nos machimbombos, que mutilam as nossas mães, que violam menores de 9 anos, que violam as nossas filhas, que roubam a nossa comida, que pilham os nossos bens, que raptam os nossos filhos, estes são oposição?

Porque é que estes agentes não dão publicidade a estas acções criminosas?

Eles atacam os grandes projectos de desenvolvimento económico no nosso País. São projectos que estão integrados no nosso desenvolvimento planificado para os próximos dez anos. É o nosso desenvolvimento na década.

Estamos, em primeiro lugar, a inventariar os nossos recursos naturais, que não conhecemos, para os podermos transformar em riqueza, em felicidade, em bem-estar.

Temos o projecto de incrementar a produção de algodão para acabar com a nudez, para construir fábricas para roupa.

Temos o projecto de produção de papel e madeiras, para exportarmos.

Estamos a fazer prospecções no subsolo para descobrirmos os recursos minerais que temos:

- petróleo
- carvão
- ouro
- cobre
- asbestos
- ferro
- tantalite

A África do Sul tem conhecimento disso. São esses os lugares que os bandidos armados vão atacar.

Nós temos cooperação com países socialistas, com países nórdicos e países do Ocidente. Temos cooperantes desses países aqui. Celebrámos com eles acordos de desenvolvimento económico do País. Por isso o alvo dos bandidos são também os cooperantes.

Há portanto vários projectos de desenvolvimento que devem ser feitos pelo homem moçambicano. É contra esses projectos que os bandidos agem. Para que não avancemos, para continuarmos dependentes da África do Sul.

Os bandidos atacam estradas que nos ligam ao Zimbabwe; atacam as linhas férreas, o pipeline.

A África do Sul ataca também o Zimbabwe, o Botswana, a Zâmbia, o Malawi, o Zaire, para que estes países não escoem os seus produtos através dos portos moçambicanos.

O imperialismo quer que não nos desenvolvamos, que continuemos dependentes, que continuemos amarrados à África do Sul.

Os bandidos não têm uma direcção moçambicana, uma política assente nos interesses duma camada ainda que pequena, da nossa população. A sua direcção são os serviços secretos sul-africanos, a sua política é a de Pretória, os seus interesses são os da África do Sul racista. No seio dos bandidos encontramos moçambicanos anti-sociais, drogados, traficantes, ladrões, os amantes da moral decadente da burguesia.

No seio dos bandidos, encontramos também antigos auxiliares de Muzorewa, marginais sul-africanos, oficiais do exército e da polícia sul-africana, mercenários.

São os Serviços Secretos da África do Sul que lhes dão ordens, definem objectivos e alvos, pagam-lhes salários, fazem-lhes propaganda, são eles que lhes redigem, desenham e imprimem os panfletos. É a África do Sul que os recruta, financia, treina, arma, transporta, abastece. Mas, quando são feridos e mortos, já não interessam aos sul-africanos. Nem sequer têm um túmulo.

Em resumo, são uma força auxiliar, não autónoma, do exército sul-africano.

Há quem pense que eles são fortes, poderosos.

Uma cobra é perigosa pelo seu veneno, mas não é forte nem poderosa.

Forte e poderoso, com mais de uma centena de milhares de homens, com aviação, marinha, artilharia, era o colonialismo português. Mas foi derrotado pelo Povo, pela FRELIMO.

Forte e poderoso, com muitas dezenas de milhares de homens, com artilharia e aviação modernas, era Smith. Mas foi derrotado no Zimbabwe pelo Povo Zimbabweano, e em Moçambique pelo Povo Moçambicano.

Quem não se lembra hoje das fanfarronadas do Kaúlza, de Marcelo Caetano, de Smith? Onde estão eles?

No Zimbabwe está o Povo do Zimbabwe com a ZANU e o seu Governo. Aqui está o Povo Moçambicano com a Frelimo e o seu Governo.

Em menos de 20 anos, em duas guerras, derrotámos dois dos maiores exércitos agressores da África.

Em menos de 20 anos, em duas guerras, contribuímos para a queda do fascismo em Portugal e do racismo na Rodésia.

Que podem então os bandidos contra nós?

A única força dos bandidos vem da África do Sul; mas a África do Sul não é mais forte que a força conjunta dos Povos da África do Sul e de Moçambique.

Os sul-africanos tentaram entrar na Ponta do Ouro. Mas vocês sabem o que lhes aconteceu. Os cadáveres vieram até aqui. Tiveram que pagar para os levar. Pagaram as balas que gastámos para matar os soldados.

Estou certo de que todos sabem que tivemos uma reunião com os compatriotas, com os ex-comprometidos com o regime colonial. Tivemos uma reunião também com os combatentes da Luta de Libertação Nacional.

Foram encontros para organizar melhor as nossas forças.

Vocês, população de Maputo, são uma população com tradições excelentes, tradições combativas. Deram exemplos disso no dia 7 de Setembro. Deram lição aos portugueses que provocaram distúrbios.

Em 21 de Outubro também houve distúrbios

provocados por um grupo de comandos, e vocês, em menos de 3 horas, esmagaram-nos sem contemp-lações.

Uma população combativa, como vocês, nunca terá medo, nunca se deixará tomar pelo pânico.

Mas alguns querem lançar o pânico.

Dizem: «ah, os bandidos, estão ali, vão chegar.»
Vão chegar, vindos de onde?

Esta é a República Popular de Moçambique, uma República que nasceu forte, sólida. Esta independência foi conquistada, foi arrancada!

Não é o bandido armado que vai abanar o sistema socialista do nosso País, que vai mudar Moçambique para ser racista, para ser capitalista, para produzir exploradores nacionais.

Moçambique será sempre o túmulo do imperia-lismo, dos exploradores, dos racistas!

Nunca nos esquecemos que o imperialismo é o inimigo permanente dos Povos. A única preocupação do imperialismo é explorar, é oprimir, é agredir, é massacrar os Povos.

Por que não fazem fábricas têxteis, fábricas para roupa?

Por que não promovem a produção de comida?

Por que não promovem a construção de rega-dios, estradas?

Por que não fazem escolas, hospitais, casas, maternidades?

Por que não promovem a construção de fábricas de medicamentos?

Pelo contrário, só andam a armar os bandidos para destruírem as poucas infra-estruturas que nos deixaram.

Pelo contrário, alguns países ocidentais andam a aperfeiçoar cada vez mais o seu armamento para oprimir os povos, lá onde os povos clamam pela liberdade e pela independência.

São esses países que apoiam os governos fan-toches, os governos neocoloniais e sobretudo as

ditaduras fascistas e o governo nazi-fascista do «apartheid».

No Chile, quando o povo triunfou e houve liberdade, o imperialismo interveio para destruir essa conquista e colocar no poder o seu laçao, o sanguinário Pinochet.

Pinochet massacrou o povo chileno, chacinou crianças com as armas do imperialismo.

Hoje, em El Salvador, o povo clama por democracia,

- justiça,
- independência,
- liberdade,
- igualdade.

E o imperialismo apoia a ditadura que organiza os massacres e a repressão contra o povo.

Mas o povo sairá vitorioso desta luta.

Os palestinos lutam para ter terra, para ter a sua Pátria.

Mas lá está o imperialismo para impedir os palestinos de conseguir este seu objectivo e para desestabilizar o Líbano porque apoia os palestinos. O imperialismo apoia Israel para destruir um Estado soberano, para promover o genocídio.

Na África do Sul cresce anualmente o número de sul-africanos, de patriotas que querem a sua terra, que lutam por ela. Quando dizem que são sul-africanos, são mortos, são enforcados, com o apoio do imperialismo. Querem que eles digam que são zulus, thlozas, que são changanes — portanto, que são tribos.

É esta a civilização a que essa minoria aspira: esta civilização de massacres, de divisão, de discriminação.

Os seus agentezitos estão aqui entre vocês. São os boateiros, os intriguistas, os propagandistas do

imperialismo, os saudosistas do regime colonial.

Alguns de vocês recusam-se a enterrar o cadáver podre, nauseabundo e em decomposição do colonialismo.

Muitos de vocês, quando vêem estes prédios todos, dizem: «ah, o colonialismo trabalhou!». Não são capazes de compreender que o colonialismo construiu para a burguesia. Não construíram estes prédios para vocês.

A alguns de vocês, que têm saudades do colonialismo, podemos perguntar:

Onde está a fábrica de fechaduras?
Onde está a fábrica de chapas?
de tintas?
de chávenas?
de pratos?
de panelas?
de colheres?
de facas?
de garfos?
de louça sanitária?
de cobertores?

Onde está a fábrica de machados, de catanas,
de enxadas, de foices,
de tractores?

Não existem.

Para a nossa fábrica de bicicletas funcionar importamos tudo e apenas fazemos a montagem aqui.

Não temos fábricas de adubos, de fertilizantes.

Foram deixadas pelo colonialismo na República Popular de Moçambique apenas quatro fábricas de tecidos, que não têm capacidade para vestir o Povo.

Então, o que fez o colonialismo?

É preciso que pensem nestes problemas todos,

que são problemas de todo o Povo. Para alguns, Maputo é todo o País. Vêem Maputo como todo o País. Só Maputo é que conta para eles.

Vocês lembram-se de que para ser carvoeiro, em Moçambique colonial, na nossa Pátria colonizada, era preciso ser português?

Já se esqueceram de que para ser vendedor de estacas, de caniço, de pregos, era preciso ser português?

Já se esqueceram de que para ter táxi, vender ovos, tinha que se ser português?

Já se esqueceram de que para vender petróleo de 2\$50, óleo de 1\$00, para vender camarão e peixe no bazar, tinha que se ser português?

Se este País não fosse um País socialista, o Presidente da República seria o maior accionista destes prédios que estão aqui.

Marcelino dos Santos seria o chefe dos Transportes; teria a maior frota de carros; Alberto Chipande seria o maior accionista dos hotéis;

Jacinto Veloso tomaria conta da pesca de camarão e peixe.

Outros seriam até donos de prostíbulo, casas onde as prostitutas vivem e depois pagam o aluguer ao patrão.

É essa a moral da burguesia, do mundo capitalista e dos países neocolonizados. É a moral da ganância, do dinheiro, do conforto.

Não fazemos isso, porque servimos o Povo.

VII OS OBJECTIVOS E MÉTODOS DO INIMIGO

Para poder, de novo, explorar o nosso Povo, para poder, de novo, pilhar as nossas riquezas, para

prolongar a vida do «apartheid», o inimigo deseja destruir o nosso Estado Popular.

Por isso, ele combina meios armados — nomeadamente agressões na fronteira, acções de bandos armados — com sabotagem económica, diversão ideológica e subversão ideológica.

O terrorismo dos bandidos, a sabotagem económica, a diversão ideológica e a subversão política têm os seguintes objectivos:

- dividir a direcção do Partido e do Estado;
- minar e desacreditar a confiança do Povo no Partido e no Estado, na sua direcção;
- separar o Povo dos seus aliados.

Desde o início da guerra de libertação, o inimigo sempre procurou provocar divisão entre o nosso Povo e os nossos aliados externos.

Os países socialistas, em especial a União Soviética, Cuba, RDA e Bulgária, são os alvos principais da campanha do inimigo no nosso País.

Os cooperantes dos países socialistas, por muito competentes que sejam, são sempre apresentados como incapazes e incompetentes.

- Em certas zonas, procurando explorar o obscurantismo, chega-se ao ridículo de acusar os técnicos internacionalistas, de comerem crianças.

Afinal de contas, esse ódio aos países socialistas, ao apoio fraternal que nos dão, não é nada novo. Conhecemos isso desde o tempo de Salazar e Caetano. O curioso é que a «Voz da Quizumba», e os seus altifalantes internos, nunca acusaram os «boers», que massacram o povo, de serem chupa-sangue, e nunca

afirmaram que os racistas, que fizeram o massacre de Nyazónia, comessem gente.

São anticomunistas ignorantes, analfabetos políticos. São supersticiosos e obscurantistas.

Essa propaganda contra os países socialistas vem dali onde está sempre escuro, ali onde o Sol nunca nasce, ali na África do Sul.

Nesta acção, complexa e pérfida, o inimigo semeia minas no caminho da Unidade do Povo. Vejamos algumas dessas minas:

- a) Classificação de pessoas no seio da direcção do Partido e do Estado.

O inimigo sempre nos procurou classificar, em bons e maus, em competentes e incapazes.

Procurou-nos classificar em função da origem étnica, religiosa e regional, da cor da pele de cada um.

A grande crise que a FRELIMO atravessou, a partir de 1967, começou por acções de racismo antibranco, seguidas imediatamente por acções de regionalismo e tribalismo.

Estas acções culminaram com assassinatos de dirigentes e com a tentativa de usurpar a direcção pelo grupo de traidores encabeçados por Lázaro, Simango e Gwengere.

- b) Em 1972, resultante da grande infiltração da PIDE em Cabo Delgado e para proteger a rede da PIDE, foi lançada a acção diversionista do localismo, em que se chegou ao ponto de pro-

curar saber qual era a aldeia, dentro do distrito, que tinha mais representantes de um sector ou na Província.

Em 1974/75, procurou-se classificar a direcção em competentes e incompetentes, em maus e bons, em duros e realistas, em militaristas e civis, em doutrinários e pragmáticos.

A mesma pessoa era sucessivamente apelidada como pertencente a um grupo e ao oposto. O boato, a calúnia, eram frequentes contra os membros da direcção.

Ultimamente, os especuladores políticos e ambiciosos de sempre, começam a tecer considerações, de novo, sobre representatividades raciais, étnicas, tribais, religiosas, do Conselho de Ministros e do Governo da República Popular de Moçambique.

Desde 1967 que conhecemos e vivemos esta manobra, que sabemos o que significa, como se desenvolve, quem a alimenta, quais os seus objectivos.

- c) A degradação de costumes, o alcoolismo, a droga, a prostituição, o amantismo, a instabilidade da família, o suborno, a corrupção material e moral, despedaçam o tecido moral e social, desagregam a sociedade, abrem o caminho à mentalidade estrangeira e burguesa. São formas de subversão ideológica, cultural e social.
- d) A desorganização, o desleixo, a indisciplina, a falta de pontualidade, o burocratismo, a indiferença face aos problemas do Povo, aos problemas sociais, preparam o ambiente para a sabotagem económica, a pilhagem

dos bens do Estado e do Povo, a especulação desenfreada e a desestabilização do Estado.

- c) Como minas principais quotidianas, para sabotar a confiança do Povo no seu Partido e Estado, utiliza-se o boato e a intriga.

O centro principal do boato são as cidades, em particular a cidade de Maputo.

Os boatos sistematicamente visam provar que tudo o que o nosso Estado faz é mau.

Dizem: «As Empresas Estatais são más. As empresas privadas são boas.» Quando são eles próprios que sabotam as Empresas Estatais.

Dizem: «Todas as nossas instituições funcionam mal. Mas antigamente funcionavam bem.» Quando são eles que perturbam as nossas instituições.

Dizem: «Agora falta tudo.» Como se dantes o Povo vivesse em abundância. Dizem: «Faltam casas», como se antigamente os moçambicanos vivessem nos prédios.

Dizem: «Há bichas no Hospital», como se dantes o moçambicano fosse ao médico ou à maternidade.

O boato nasce por falta de géneros.

É verdade que há falta de géneros. A luta contra a falta de géneros é uma luta complexa e longa que começa pelo trabalho que se faz na machamba individual, no desenvolvimento das cooperativas e das Empresas Estatais.

A luta contra a falta de capulanas, e contra os preços exorbitantes, começa na produção do algodão, começa com a disciplina na produção.

A luta contra os preços elevados e o açambarcamento, é longa e complexa e começa com a vigilância popular que denuncia e neutraliza os especuladores, os candongueiros.

A cabeça da divisão, o seu comandante em

chefe, desde sempre é o tribalismo, é o regionalismo, o racismo, o elitismo e a ambição — irmãos gémeos, unidos ao serviço do imperialismo e da reacção.

Todos eles procuram dividir o povo, classificar as pessoas, lançar um grupo contra o outro para que no seio da confusão e divisão o inimigo possa agir livremente, confundir o amigo com o inimigo, criar alianças sem princípios e contra a natureza.

Em resumo, pretendem abrir caminho ao triunfo de interesses estrangeiros e de um punhado de lacaios nacionais.

Esta acção é desenvolvida particularmente por elementos da burguesia, negros ou brancos, que procuram promoção rápida para melhor servir o patrão imperialista, e a sua sede de conforto e de poder.

Em certos sítios há brancos, estilo Jorge Costa, que por um lado, procuram assustar a população branca nacional ou estrangeira e por outro criam grupinhos de apaniguados, normalmente da mesma cor, para promover interesses sórdidos. Verdadeiros reaccionários, procuram camuflar-se com um falso radicalismo.

Noutros sítios, há grupos que exploram as ambições frustradas deste ou daquele que queria — embora não os merecesse — uma promoção ou um salário mais elevado, para fazer campanha contra privilégios imaginados do chefe que é branco.

São estes elementos, agindo ou não sob ordem directa de Pretória ou de outras centrais imperialistas, que tendem a fugir, sempre que começam a sentir o cerco a apertar-se.

O destino destes lacaios do imperialismo, destes lambe-botas do racismo, é triste. O Bomba nunca pilotará, nunca será oficial da Força Aérea sul-africana, nunca pilotará sequer uma avioneta da Força Aérea sul-africana.

O Rocha não será Primeiro Secretário de Embai-

xada de ninguém, talvez nem o aceitem como contínuo de Embaixada.

O Jorge Costa não vai sequer dirigir uma secção da Polícia sul-africana. A sua missão de espião terminou quando desertou.

Que fujam os lacaios!

Que fujam os lambe-botas do racismo!

Aqui não há lugar para vende-pátrias.

Mas também não vão encontrar lugar em parte nenhuma.

Quando já não precisarem deles, nem para lavar retretes servirão.

VIII ESTABELEECER A ESTRATÉGIA E A TÁCTICA DO COMBATE

Conhecemos a nossa força, conhecemos o inimigo, os seus objectivos, os seus métodos.

Sabemos que o Povo organizado, unido e dirigido pelo nosso Partido Frelimo é uma força invencível. Em menos de 20 anos, em duas guerras, verificámos isso.

A nossa estratégia é, e será sempre, unir o Povo, organizar o Povo em torno da bandeira do Partido, para defender a Pátria e os interesses populares; é tornar operacional a Unidade do Povo, rechazar os invasores, manter invioláveis as fronteiras da Pátria.

Para isto, devemos reforçar o papel dirigente do Partido no seio do Estado e da Sociedade; isto significa:

- criar células do partido onde ainda não existem; fazer crescer o Partido com novos membros em todos os locais em que as células estejam organizadas;
- engrossar as fileiras do Partido com os combatentes da Luta Armada de Liberta-

ção Nacional e antigos prisioneiros políticos e militantes da clandestinidade, que, nas horas mais duras, provaram o seu espírito de sacrifício, o espírito patriótico e de servir o Povo;

- reforçar as fileiras do Partido com militantes das Organizações Democráticas de Massas, com trabalhadores honestos e patriotas que demonstrem o espírito de servir o Povo;
- garantir que os postos de direcção nos locais de trabalho sejam sistematicamente ocupados por militantes do Partido e priorizar a formação técnica dos militantes do Partido, para que eles possam dirigir política e tecnicamente nos locais de trabalho.

Devemos desenvolver os nossos instrumentos na luta de classes. Isso significa:

- apoiar as cooperativas de consumo, as cooperativas de produção agrícola, de artesãos, de pesca, para resolver os problemas imediatos do abastecimento do Povo, e combater os candongueiros e comerciantes desonestos e gananciosos;
- apoiar a produção familiar e o desenvolvimento das Zonas Verdes;
- pôr termo ao êxodo do campo para a cidade, a vinda incontrolada de gente para a cidade;
- no seio das Organizações Democráticas de Massas, integrar camadas cada vez mais amplas do nosso Povo.

Todavia, como tarefa principal e imediata para o combate contra a burguesia, a marginalidade e o

banditismo, temos de desenvolver a nossa representação de classe.

Muitos Governos caíram porque se recusaram a dar armas ao povo. Hoje, vamos distribuir armas para o patrulhamento da cidade de Maputo. As Milícias, os Grupos Dinamizadores, nas fábricas e empresas, receberão armas para defenderem os seus locais de trabalho.

É preciso garantir que a zona dos cooperantes e das sedes diplomáticas seja calma e segura. É preciso defender os edifícios do Estado e a cidade em geral.

Por isso, vou começar por distribuir armas pelos oficiais para fazerem patrulha na cidade. Depois será equipado todo o povo de Maputo, para limpar

- os ladrões,
- os bandidos,
- os violadores de menores,
- os traficantes,
- os drogados,
- os marginais,
- os assassinos,
- os criminosos,
- os boateiros,
- os intriguistas,
- os agitadores.

Em três meses temos de limpar a nossa cidade desta gente.

Em breve vamos estabelecer a hora máxima de circulação na cidade de Maputo. Vamos travar a onda que vem de Gaza, de Inhambane, de pessoas sem trabalho que pagam o autocarro só para virem difundir a propaganda do inimigo na cidade.

Devemos deter, julgar e punir os boateiros, intriguistas, especuladores, candongueiros, marginais, ladrões, violadores de mulheres e crianças;

devemos evacuá-los da cidade e pô-los a cumprir penas, trabalhando.

Neste combate, há que prosseguir a luta implacável contra os infiltrados no seio da Polícia, da Segurança e das Forças Armadas. Ainda que sejam um punhado ínfimo, há polícias cúmplices do contrabando nos aeroportos e noutros postos de fronteira.

Ainda que poucos, há polícias e elementos da Defesa que fazem parte de bandos de malfeitores, de ladrões e arrombadores.

Temos que prosseguir a Ofensiva da Legalidade, apoiar a grande maioria de polícias e soldados honestos, patriotas, desalojar os infiltrados nas Forças de Segurança, na Polícia e nas Forças Armadas.

Neste combate, há que desalojar os burocratas e tecnocratas, elementos antipartido nos postos de direcção, na economia, e nas instituições sociais, e não lhes deixar campo para se refugiarem no sector privado e na candonga.

Se quiserem ir-se embora, as portas estão abertas!

Se quiserem ser recuperados, tornarem-se trabalhadores activos, honestos e patriotas, daremos todo o apoio!

Desalojar os inimigos do Povo significa reforçar os Grupos de Vigilância, dinamizá-los, dar tarefas concretas às suas centenas de milhares de membros na luta contra a subversão.

- contra a reacção,
- pela segurança nos locais de trabalho,
- contra acidentes no trabalho,
- na organização dos trabalhadores,
- na protecção civil contra os acidentes, incêndios e calamidades.

Desalojar e reprimir os inimigos do Povo, neutralizar as suas ameaças, preservar a ordem, a

tranquilidade e a paz pública, implica o reforço e armamento imediato das Milícias Populares, o seu rápido crescimento.

A Milícia Popular é a forma principal de organização do Povo na defesa dos seus locais de trabalho, na luta contra o banditismo, contra os marginais e os perturbadores da ordem pública.

Só a milícia pode integrar os milhões de patriotas do nosso País, no campo e na cidade.

Só ele tornará intransitáveis todos os caminhos e ruas, no campo e na cidade, para qualquer inimigo do Povo, qualquer perturbador da ordem socialista.

Os milicianos e as milicianas são trabalhadores, com actividade normal de produção, que voluntariamente e gratuitamente consagram uma parte do seu tempo às missões de protecção e patrulhamento dos seus locais de trabalho e residência e que combatem, sempre que necessário, o inimigo que penetrar ou agir na sua zona de acção.

Nem sempre será possível dispor de farda e armas modernas para as Milícias, mas a nossa tradição é combater com as armas de que dispomos, do canhão ao foguete, da catana ao canhango, da metralhadora à azagaia, da bazuca à flecha.

Em apoio ao IV Congresso do Partido, no momento das celebrações do 20.º Aniversário da Criação da FRELIMO e 7.º da Independência Nacional, em todos os locais de trabalho, devemos desenvolver um amplo trabalho de formação de Milícias Populares.

Definitivamente, declaramo-nos prontos para esmagar qualquer tentativa da reacção de perturbar a nossa Revolução, de perturbar o nosso desenvolvimento económico, social e cultural, de impedir o nosso bem-estar e a nossa felicidade.

Não queremos mais boatos nas escolas,
nos hospitais,
nos machimbombos,

nos locais de trabalho e de residência.

Esmagaremos qualquer tentativa de agitação e de confusão.

Façamos da nossa cidade uma muralha de aço contra a reacção, contra os perturbadores da ordem.

Façamos de Maputo, a nossa capital, a capital da República Popular de Moçambique, verdadeiramente o túmulo da reacção, túmulo dos invasores, dos marginais, dos bandidos, dos anti-sociais.

Rompamos definitivamente com a burguesia, para consolidar Maputo como Zona Libertada!

A LUTA CONTINUA!

Composto e Impresso
na Tipografia «Noticias»
Tiragem: 15 000 exemplares
Registado no INLD
sob o n.º 0357/INLD/82
Setembro, de 1982
MAPUTO

1980/1990 – DÉCADA DA VITÓRIA SOBRE O SUBDESENVOLVIMENTO